



KORYU E A GESTÃO DA REALIDADE

Um dos temas mais controversos que pode haver na discussão da componente da Koryu, ligada à análise estratégica, o Heiho, é claramente a compreensão do que são os fenómenos políticos que nos rodeiam. Obviamente que uma Koryu não pode nem deve estar alinhada politicamente, nem pode estar centrada nessa área, pois isso seria descaracterizador do seu trabalho. A Koryu em si tem um objectivo pedagógico, já não nos termos clássicos em rigor, mas hoje, não podendo ela ter objectivos políticos como acontecia no passado e no tempo das guerras, não significa que cada um dos elementos, que compõem a estrutura da organização, não possua convicções políticas, religiosas, filosófica.

A Koryu em si deve ser neutra, e no seu processo pedagógico deve desenvolver os mecanismos necessários à compreensão do que são os fenómenos políticos, porque os mesmos, quer queiramos quer não, acabam sempre por afectar o funcionamento da estrutura. A Koryu vive dentro de uma sociedade, vislumbra o seu funcionamento de uma certa e determinada forma e isso pode, e vai, inevitavelmente influenciar a forma de como ela pode desenvolver o seu trabalho, seja por efeito da produção de leis pelos governos, que condicionam ou não o seu funcionamento, seja através de processos económicos que possam fragilizar, ou não, as suas actividades.

Entendamos, na perspectiva da análise estratégica, que os movimentos hoje que normalmente são associados naquilo que se designa por esquerda, direita, centro, estão hoje, na minha opinião, muito mal enquadrados pela evolução dos processos de produção, tecnológicos e sociais, Estão desactualizados. Uma análise sociológica mais moderna e científica, globalizante, não pode ficar presa numa ideia política onde o próprio conceito de Estado, de fronteiras, tão tipicamente Europeu, classe operária, campesinato, burguesia deixou de ser coerente e aplicável.

Uma análise mais profunda do que é a aliança estratégica das forças que querem dominar a sociedade aponta claramente, para a aliança entre o grande capitalismo e as grandes forças ideológicas que dominam o panorama internacional. Observando mais profundamente constatamos que na realidade, não são a chamada “direita”, ou os movimentos que se assumem como direita, ou que são interpretados como direita, mas são movimentos de “esquerda”. Parece um paradoxo mas é feito destes paradoxos que a vida se faz e é através destas “confusões” que mais facilmente se domina.

Quem hoje apoia ditaduras militares como as que víamos na América do Sul, ou na Ásia? É preferível dominar e subjugar por “dentro” através de “paraísos artificiais”, verdadeiras utopias falaciosas onde os sentidos são estimulados até à mais completa alienação e onde o homem se auto-escraviza.

Lembremos, pegando num tema completamente díspar: o movimento “Punk”, o movimento contestatário, ou, um movimento não tão contestatário política mas mais “filosoficamente” como o caso, por exemplo, o grupo de música “Doors”. Nós sabemos perfeitamente que estes movimentos e estes grupos foram absorvidos pela sociedade de consumo, tornaram-se elementos necessários à sociedade de consumo. É uma forma de a sociedade compensar, de uma forma estratégica, forças, tensões existentes. A melhor forma de dar vazão à “panela”, é permitir que a pressão saia dentro dela controladamente de maneira que não haja uma explosão. É verdade que as políticas que hoje se atribuem de esquerda são aquelas que têm vindo a “coisificar” mais o ser humano, a torná-lo numa máquina de consumo da nossa sociedade. Enquanto o capitalismo se centra na dominação económica os ideólogos de “esquerda” centram-se na doutrinação do cidadão. O ser humano passou a não ser o



centro da sociedade mas a ser uma coisa que a sociedade usa para produzir lucro e movimentos para a engenharia social.

O colectivo sobrepõe-se ao individual a ponto de ele ser apenas a expressão da vontade de uma classe e onde a sua vontade pessoal é esmagada e massificada. A desumanização a que assistimos hoje em dia através de processos ligados à medicina, à ciência e tecnologia e outros, muitas das vezes, são defendidos na realidade pelos movimentos de “esquerda”, considerando que isso são conquistas sociais quando na realidade, são processos de descaracterização e de ataque directo ao que é a essência do Ser Humano e ele não tem que estar ao serviço de um Estado, ou ser apêndice da máquina, não ao serviço de uma ideologia, não ao serviço de um processo social mas, ao serviço da própria pessoa, pois é ela que efectivamente conta.

As direitas associam-se tradicionalmente a movimentos às vezes retrógrados, outras vezes preconceituosos, “intelectualmente menos correctos” mas também elas fazem o seu papel, na realidade, para colmatar certas e determinadas brechas de incoerências sociais e para que haja um leque de ofertas políticas para todos os gostos. Como se diz a brincar: “pró-menino e prá-menina”.

Portanto, na realidade, aquilo que o Heiho, a estratégia, a análise estratégica dentro do Koryu vai definir é a necessidade de ter-se uma compreensão clara do que é a realidade e não estarmos sujeitos a ideologias, a propagandas, sistemas altamente complexos, altamente idealizados e caracterizados por grupos que sabem manipular a opinião pública.

A transparência dos factos e os movimentos “subterrâneos e ocultos que se desenrolam nos bastidores” devem ser visto, pois se o pássaro pode passar despercebido no seu alto voo, a cobra oculta-se abaixo de nós no capim. Ambos passam e nós os ignoramos. Isso torna-se claro se observarmos com atenção, e lermos com muita atenção, as notícias do jornal. Claramente se vê que há um processo ideológico, uma manipulação na forma de pensar, uma formatação do Ser Humano ao nível mental e isso é uma realidade, temos então de encará-la, de aceitá-la, e só assim é que poderemos contribuir de alguma forma para podermos prestar o nosso serviço pedagógico às pessoas que se aproximam de nós. Não estou a dizer com isto que as pessoas ao motivarem-se politicamente para um grupo, ou para o outro, não estejam a ser sinceras, e que isso seja errado, aquilo que eu apelo é que as pessoas usem a atenção, sejam cuidadosas para não ficar pela aparência, pela superfície das coisas. Analisem-nas de uma forma mais precisa. Movimentos políticos de centenas de anos deixaram marcas no funcionamento da cabeça das pessoas e os novos movimentos políticos hoje, que estudam em profundidade a forma de pensar e utilizam métodos tecnológicos sofisticados de transmissão das suas mensagens estão presentes neste processo de controlo.

Isto não é um problema de teoria da conspiração é um problema de realidade e nós antes de mais devemos lidar com a realidade.

Lisboa, 4 de Maio de 2015